

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – HABILITAÇÃO EM
LICENCIATURA

VITOR DA SILVA GONÇALVES

O TRATO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DO FUTEBOL E SUAS
POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO EM TRÊS DIFERENTES CONTEXTOS
SOCIAIS

FLORIANÓPOLIS
2016

VITOR DA SILVA GONÇALVES

O TRATO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DO FUTEBOL E SUAS
POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO EM TRÊS DIFERENTES CONTEXTOS
SOCIAIS

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro de Desportos
(CDS) da Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC) como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física

Orientador: Prof.Ms. Paulo Ricardo do
Canto Capela

FLORIANÓPOLIS
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Habilitação em Licenciatura

Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),

**Título: O TRATO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DO FUTEBOL E SUAS
POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO EM TRÊS DIFERENTES CONTEXTOS
SOCIAIS**

Elaborada por
Vitor da Silva Gonçalves

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Comissão Examinadora:

Paulo Capela

Orientador(a) – Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela – UFSC
Telefone: _____; E-mail: _____

Membro – Prof. Ms(a). Cristiane Ker de Melo – UFSC
Telefone: _____; E-mail: _____

Membro – Prof. Guilherme Dutra Antunes – Professor Efetivo do Município de São José – SC
Telefone: _____; E-mail: _____

Suplente – Profa. Priscyla da Silva Queiroz
Telefone: _____; E-mail: _____

Florianópolis, SC, 18 de novembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Muito feliz por concluir mais uma etapa de minha carreira acadêmica e de minha vida. Agradeço imensamente a disponibilidade dos professores e instituições de ensino por me receberem, pois sem vocês este trabalho não seria possível.

Um agradecimento enorme aos meus pais, Monica e Alexandre, e ao meu padrasto e madrasta, Cristiano e Carla, por toda educação que me oportunizaram e por em nenhum momento terem sido contra minha opção pela vida de professor, além de toda paciência nessa reta final de universidade comigo. Agradeço muito a minha mãe, praticamente minha co-orientadora neste trabalho, e a meu padrasto pela revisão ortográfica feita, mesmo com todos seus compromissos diários.

Agradecimento aos meus avós, Mauro e Ilisete, pelos materiais cedidos durante a graduação para atividades, estágios e afins, e pelas noites dormidas na casa deles, além dos maravilhosos almoços de minha vó que me sustentaram bons dias de graduação. Agradeço a minha família de modo geral.

Agradeço aos companheiros de D'Bregas, meus fieis escudeiros e muito pacientes comigo durante esta fase final de universidade. A informalidade me ajudou muito a chegar à conclusão deste trabalho formal. Muito obrigado a todos vocês.

Agradeço muito aos companheiros de curso, principalmente a Rafael, Ronaldo, Luiz, Maisa, Carolina, Suelen, Josiane e Priscyla, minhas grandes companheiras de estágio, Bruno, toda a turma 2012.2, por todos os ensinamentos que compartilhamos.

Gratidão enorme a Mariana, pessoa que apareceu há pouco tempo em minha vida e logo ocupou um espaço especial como minha namorada, por toda a paciência comigo neste momento, por acompanhá-la nas viagens em sua pós-graduação que só me fizeram evoluir na escrita desta monografia e por todo o carinho comigo

neste momento tão importante, além de a todo tempo motivar-me a concluir essa etapa. Muito obrigado!

Agradeço a todos os amigos que tenho em minha vida, pela compreensão das vezes que deixei de vê-los para concluir a monografia e por todas as coisas boas que passamos juntos nesse período da graduação. Vocês são fundamentais em minha vida.

Agradeço a duas pessoas que me acolheram e me abraçaram dentro do curso de licenciatura em Educação Física, pessoas com quem aprendi o que queria para me tornar um bom professor de Educação Física. Os professores Capela e Chico, como carinhosamente são chamados. Sem vocês não teria aprendido metade de tudo que aprendi durante esses anos, muito obrigado por tudo e torço para que nos encontremos durante muito tempo!

E, por fim, agradeço a todos aqueles professores que me proporcionaram um ensino crítico da Educação Física desde o primeiro semestre: Giovani, Iracema, Cristiane, Jaison, Alexandre Vaz, Raoni, Elisângela, Anderson Ulbrich, Edgard, Rogério, Neide, Maria Silvy e Cardoso. Vocês com certeza me ensinaram muitos princípios e ideais que levarei para o resto de minha vida como professor.

*“Não devemos abrir mão do mundo
nem tampouco das crianças”*

Hannah Arendt

RESUMO

O presente estudo aconteceu em três contextos diferentes de ensino do futebol: um clube de futebol da grande Florianópolis, um Centro Educacional Municipal (CEM) em São José – Santa Catarina (SC) e em uma escola de futebol da rede particular de ensino de Florianópolis. Teve como objetivo identificar, analisar e compreender como o trato pedagógico do futebol pode ser realizado de forma libertadora, quando entendido como brincadeira popular, que contribui para a emancipação das crianças. Consistiu em uma pesquisa do tipo exploratória descritiva com categorias de análise previamente definidas para o tratamento dos dados a partir de observações livres das aulas. Foram encontrados os seguintes resultados: a formação de jogadores inteligentes de futebol, a formação de seres críticos e autônomos e a busca em direção de uma transformação do agir social. Além disso, procurou-se pensar e apresentar maneiras alternativas para o ensino do futebol que transcende apenas ao ensino técnico da modalidade para as crianças.

Palavras-chave: Futebol; Trato Pedagógico; Ensino; Emancipação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

GECUPOM – Grupo de Estudos em Cultura Popular de Movimento

DeCS–Descritores em Ciências da Saúde

CEM – Centro Educacional Municipal

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Problematização do tema de pesquisa	11
1.2. Justificativa	11
1.3. Objetivos	13
1.3.1. Objetivo geral	13
1.3.2. Objetivos específicos	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1. Futebol: uma breve contextualização histórica.....	14
2.2. O Futebol na sociedade contemporânea.....	15
2.3. O Futebol jogado no mundo da vida	17
2.4. Brincadeira: subversão e resistência	18
2.5. O jogo popular: uma alternativa ao desenvolvimento infantil.....	21
2.6. Emancipação e “o mestre explicador”.....	22
2.6.1. Emancipação libertadora.....	23
2.6.2. Emancipação à luz de uma concepção Crítico-Emancipatória.....	23
3. FUNDAMENTOS METOLÓGICOS	26
3.1. Procedimentos da pesquisa.....	26
3.2. Coleta de dados.....	27
3.2.1. Instrumentos de coletas e registros empíricos	28
3.3. Local, população e amostra.....	28
3.4. Tratamento dos Dados	29
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1. O trato pedagógico do futebol no decorrer das aulas.....	30
4.2. O trato pedagógico do futebol e as possibilidades de emancipação	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	38
6. REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	44
APÊNDICES.....	46

1. INTRODUÇÃO

Ao ingressar no curso de Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), eu pensava em estudar coisas de que sempre gostei, pois na escola não tive essa oportunidade. O futebol é uma temática de que gosto e pela qual me interessa muito pelo fato de ter sido ex-atleta e ser um torcedor apaixonado pelo Avaí Futebol Clube. Entrei com aquela típica visão de querer compreender o futebol como esporte de rendimento, de ser treinador, preparador físico ou algo neste viés.

Ao longo dos semestres, fui desconstruindo toda essa ideia, imagem e visão da modalidade, principalmente a partir do momento que passei a participar do GECUPOM – Grupo de Estudos em Cultura Popular de Movimento. Ali pude ver como o futebol “espetáculo” pode nos criar ilusões e como este possui disputas políticas tácitas, o que de certo modo é desanimador e entristecedor. Dando-me conta disso, percebi que os elementos essenciais desse jogo – ou seja, a criatividade e espontaneidade – poderiam ser perdidas no alto rendimento.

É fato que as crianças são criativas, principalmente em suas interações dentro da brincadeira, por isso resolvi caminhar na direção de estudar o futebol com as crianças. Engraçado que, quando entrei no curso de licenciatura, vivia dizendo para mim mesmo que não gostava de crianças, até que a primeira experiência que fui ter relacionada à área da Educação Física foi com esse público. Descobri um universo encantador no qual havia uma gama de aprendizados e de cultura de movimento que encantariam meus olhos a cada momento de interações e vivências com elas.

Contudo, nossa sociedade valoriza muito os megaeventos e, conseqüentemente, o esporte de rendimento máximo, no qual não podem haver falhas, derrotas e erros, embora esqueça que o futebol que nasce no terrão¹, em um chão de asfalto ou até mesmo em um gramado qualquer é o que dá origem às grandes jogadas criativas ocorridas nesse futebol midiático que acompanhamos..

¹ Expressão popular utilizada por jogadores de futebol na rua ou até mesmo jogadores de várzea, que muitas vezes falam – “hoje o jogo acontece no terrão da várzea”.

Dentre todos os elementos que esse esporte nos traz, há um que é bastante esquecido quando passamos a jogar de forma mecânica, sem novas possibilidades de criação, privando-nos das mais diversas interações e também do seguimento de regras as quais não serão mudadas no decorrer de uma partida. Esse elemento é a emancipação e busquei investigar como ele ainda pode estar presente no futebol a partir de um trato pedagógico libertador.

1.1. Problematização do tema de pesquisa

Ao longo dos anos de graduação, foi possível perceber que o futebol como jogo popular e brincadeira pode caminhar em direção a uma emancipação política das crianças, ou seja, pode empoderá-las, e fazer com que elas pensem por si mesmas, para assim desconstruir o jogo reproduzido no alto rendimento, na ótica do rendimento máximo obrigatório comparado.

Dados os fatos, coloca-se a seguinte pergunta em relação ao futebol, a brincadeira e a emancipação: como o trato pedagógico do futebol pode ser realizado de forma libertadora, entendendo-o como brincadeira popular, para a emancipação das crianças?

1.2. Justificativa

Além dos fatos citados na introdução e na problematização do tema de pesquisa, os quais já justificam a presente temática, a fim de procurar fazer uma pesquisa original e que tenha relevância social, pesquisei em portais *online* artigos relacionados ao meu trabalho. Para minha surpresa, foram encontrados poucos textos que estivessem relacionados com o tema desta monografia, fato que me motivou ainda mais a seguir em frente na pesquisa.

Pensando também nesse gosto pelo futebol e na vontade de fomentar a sua forma de brincar e jogar sem o caráter da atual sociedade capitalista, que explora a classe trabalhadora, vislumbra o lucro através do esporte, proporciona um sucateamento da saúde e educação, entre outros aspectos os quais buscam

destruir a ascensão social das camadas populares em geral, escolhi relacionar o futebol, a brincadeira, a infância e a emancipação como conteúdo investigativo.

Todavia, há ainda outra relevância, bastante social, nesta pesquisa – a valorização da infância como espaço para desenvolver a criatividade. Muitos autores da área da psicologia, sociologia e filosofia apontam para esse período inicial da história de vida das pessoas como o momento em que a aprendizagem dos códigos sociais se mistura com a natureza espontânea da criança. Então, se ensinarmos o futebol apenas por meio de um método que visa essa modalidade no alto desempenho, estaremos inculcando regras e normas que visam à perfeição, a culpa pelo erro e a sobrecarga da responsabilidade de desempenhar funções corretamente conforme a ótica do rendimento máximo, haja vista que o “correto” é relativizado pelo contexto sócio-histórico-cultural.

Outro fator que considero importante é o de que grande parte de nossa sociedade, principalmente masculina, acredita saber muito de futebol, seja como se joga, como se monta um time, como se treina, como se deve dar uma aula em uma escola, entre diversos outros fatores que ficam apenas no campo do “achismo”. Pensando nessa realidade, pode-se concluir que falamos muito de futebol, porém, o estudamos pouco. Esse foi um fator determinante e bastante motivador para a realização desta pesquisa.

Segue no quadro abaixo a relação de artigos encontrados:

LOCAL	TERMO DE BUSCA	DE	NÚMERO DE ARTIGOS	DE	ARTIGOS SELECIONADOS	COMENTÁRIOS
Programa de pós graduação em Educação Física – UFSC	FUTEBOL		155		1	Encontrei apenas um artigo que teria relação com a temática escolhida, porém a pesquisa é feita no ensino fundamental.
Programa de pós graduação em Educação – UFSC	FUTEBOL		0		0	
Centro de Desportos	FUTEBOL		3		0	Dentre esses três, nenhuma monografia encontrada estava relacionada ao futebol na escola.

Programa de pós graduação em Educação Física – UFSC	FUTEBOL ESCOLAR	232	0	Muitos falam do esporte em geral e os que citam futebol, em sua grande maioria, estão relacionados ao alto rendimento. Os que possuem relevância social ou estão relacionados à educação ou não são específicos do futebol.
Portal Periódicos CAPES	de da FUTEBOL ESCOLAR	73	5	Os artigos que selecionei apresentam uma ideia de futebol como prática social e como este pode auxiliar na inclusão durante as aulas de Educação Física Escolar, mas não são artigos que tratam da primeira infância.
Portal Periódicos CAPES	de da FUTEBOL EDUCAÇÃO INFANTIL	E 11	0	Não falam do futebol na Educação Infantil, apesar de este ter sido o termo utilizado para a pesquisa.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo geral

- Identificar, analisar e compreender como o trato pedagógico do futebol pode ser realizado de forma libertadora, entendendo-o como brincadeira popular, para a emancipação das crianças.

1.3.2. Objetivos específicos

- Analisar experiências do ensino do futebol na pré-escola, na escola e no alto rendimento;

- Identificar elementos emancipatórios nas aulas de futebol;
- Compreender o trato pedagógico do futebol em três contextos distintos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Futebol: uma breve contextualização histórica

O futebol é um esporte que sofre, e vem sofrendo, transformações ao longo de toda história, sejam elas táticas, técnicas, sociais, culturais, entre outros aspectos. Além desses fatores, este exige conhecimento e experiências de como coordená-lo, ensiná-lo e administrá-lo (GALEANO, 2004). A partir do que Galeano apresenta, pode-se relativizar uma modernização desse esporte, basta olhar como os uniformes, as bolas, os estádios, as transmissões de rádio e televisão, entre outros, vem se modificando.

O surgimento do futebol é uma grande discussão mundial, pois há diversos estudiosos que levantam suposições. Segundo Lima (2002), o futebol, como esporte moderno, foi criado na Inglaterra no século XIX (dezenove), porém jogos com bola semelhantes a esse esporte já vinham praticados antes disso na China por soldados, em Florença, conhecido como “calcio”, um jogo considerado bastante violento semelhante ao atual “rugby”². Esse jogo pode ser derivado de mitos ou rituais religiosos, que o torna popular, e passa a ser praticado nos horários livres pelos alunos da alta burguesia inglesa. Para ilustrar cito:

Em 1863 foi fundada na Inglaterra a *Football Association*, fazendo com que se criasse regras para a prática do jogo entre as equipes. Formavam-se assim tabelas, datas dos jogos, ou seja, controlava-se a prática. Os times eram formados pelas fábricas espalhadas pelas diversas cidades do país. Os jogadores destes times eram os próprios funcionários destas fábricas, que disputavam jogos, geralmente nos sábados a tarde (tradição existente até hoje no Campeonato Inglês de Futebol) no dia em que tinham folgas e muitas pessoas iam assistir esses jogos. (LIMA, 2002, p.7).

² Esporte praticado em um campo de grama com uma bola oval entre dois times que tem como objetivo chegar a uma determinada área adversária ao lado oposto do campo.

Para alguns pesquisadores, o futebol começa a ser difundido para a elite paulistana quando Charles Miller o “traz” para o Brasil em 1894. Além disso, as fábricas foram grandes propulsoras desse esporte em nosso país. Segundo Antunes (1994), a partir do momento que o futebol entre as fábricas se popularizou, estas passaram a contratar os operários que possuíam maiores habilidades futebolísticas do que habilidades para o trabalho dentro delas para disputas de campeonatos e, além disso, os que eram selecionados para os times de futebol tinham funções privilegiadas e jornadas de trabalho menores do que os que não eram integrantes dos times.

Aos poucos uma grande maioria de empresas no Brasil começou a se auto organizar para também jogar futebol e disputar competições entre as fábricas, tudo isso pela entrada e participação de empresários dentro das empresas, pois tinham interesses dentro delas. Em relação a esse fato, cito:

Anatol Rosenfeld levanta a possibilidade de que o incentivo ao futebol entre os operários seria uma forma de domesticar seus corpos para o trabalho e infundir neles um sentimento de grupo, identificado com a empresa. (...) o argumento de que os industriais valiam-se do futebol como forma de aprimorar a disposição física dos operários ao trabalho e, conseqüentemente, aumentar a produção. (ANTUNES, 1994).

Segundo Antunes (1994), com a profissionalização do futebol nas fábricas iniciou-se um movimento político entre os operários. O futebol foi rotulado muitas vezes como o “esporte burguês” e como um “ópio” capaz de minar a união e a organização da classe e enfraquecia a luta da classe operária.

2.2. O Futebol na sociedade contemporânea

Analisando o portal Descritores em Ciências da Saúde – DeCS³, o conceito mais amplo e vago do futebol trazido por eles é: “jogo no qual uma bola inflável arredondada é avançada por chutes ou é propelida com qualquer parte do corpo, exceto mãos ou braços. O objetivo do jogo é colocar a bola no gol oposto.” Na sociedade contemporânea, muitas vezes o futebol consiste apenas nisso que o

³ Portal da área da saúde que a partir de pesquisas traz definições referentes a uma temática pesquisada que lá esteja inserida.

descriptor nos traz. Cada vez mais, encontramos jogos na várzea, no futebol amador e, principalmente, no alto rendimento, que têm pensado apenas nesse momento de fazer o gol a todo custo, passando por cima de princípios e valores morais para com os outros jogadores – no caso, considerados adversários – e cada vez jogando mais *contra* o outro e não *com* o outro. Certamente que o gol é o maior momento do futebol e o principal objetivo de qualquer time que entra em campo. Afinal, quem nunca vibrou, gritou, chorou com seu time no momento de um gol? Todavia, o futebol tem muitos valores que vão para além desse momento e, por isso, não deve ser entendido apenas como um jogo no qual uma bola é chutada por jogadores que devem vencer seus adversários.

Nesta pesquisa, o futebol é visto como uma prática e fenômeno social de longa data que possui uma cultura de movimento riquíssima e é repleto de criatividade. Assim, esse descriptor da área da saúde serve aqui para problematizar o tema, pois não é um pressuposto desta investigação que futebol seja sinônimo de saúde, ainda mais se formos pensar em sua forma cultural na ótica do rendimento máximo. Futebol é, sobretudo, sinônimo de movimento, brincadeira, jogo, criatividade, cultura, entre diversos outros elementos. O alto rendimento muitas vezes acaba por criar desvios que dificultam a recuperação dessa compreensão de uma cultura de movimento lúdica que há no jogo e na brincadeira de futebol, fazendo com que não se reflita a respeito das situações vivenciadas em uma partida, o que acaba gerando apenas uma reprodução de movimentos automatizados e meramente técnicos. O futebol de alto rendimento é produto do capitalismo. Alves (1987) a partir dos estudos de Marx, diz que o sistema capitalista adotado pela sociedade contemporânea em que estamos inseridos educa o corpo para esquecer-se de todos os sentidos que este possui e é transformado apenas no sentido de posse, em que o ter é a principal preocupação do homem.

Apesar dos problemas que a sociedade capitalista suscita e da maneira com que o futebol está representado nela, se ainda sim o compreendermos como uma cultura popular de movimento, podemos nos dar conta de que esse pode proporcionar um acordo em dimensões tão amplas. Mais do que isso, o futebol

coloca nas ruas classes sociais e etnias diferentes em uma única comemoração (CARDOSO, 2003). A partir disso, é necessário pensar e problematizar esse futebol que vem sendo culturalmente jogado na sociedade capitalista, ou seja, é necessário que se apresente uma contraposição a esse futebol do alto rendimento.

2.3. O Futebol jogado no mundo da vida

Pelo fato de o Brasil ser considerado durante muito tempo o país do futebol e por acreditarmos que essa modalidade, principalmente nas camadas populares, resiste ao esporte culturalmente jogado na sociedade capitalista, é criativa e transformada por meio dessa criação dos praticantes, cito:

[...] as camadas populares se apropriaram do futebol inglês, elitista e de linhas retas, que lhes era proibido, transformando-o numa espécie de arte, sinuosa criativa, plástica de acentuada retórica corporal, o estilo brasileiro de jogar futebol. (MURAD, 1999, p.34)

Pegando carona nessa ideia de transformação do futebol, de resistência a esse sistema capitalista que vivemos, este capítulo será pautado no livro “Pedagogia do Futebol”, de João Batista Freire, o qual em um de seus capítulos faz uma analogia do futebol entre uma pedagogia da rua e uma pedagogia da escola.

É fato que, independente de cor, raça, etnia e/ou classe social, as crianças que nascem no Brasil, principalmente os meninos, na sua grande maioria, ganham uma bola de futebol de presente para brincar, seja no apartamento, no quintal de casa, no terraço da comunidade, no alto do morro e nos mais variados lugares. Da mesma forma, independentemente dos pés estarem calçados com tênis, chuteiras ou até mesmo descalços, a brincadeira de jogar futebol, ou jogar bola é a mais comum e frequente. Nos últimos anos, em visitas, realizadas pelo pesquisador principal da presente monografia, trabalhos e pesquisas relacionadas a esse esporte, pode-se perceber que as crianças de classes mais favorecidas muitas vezes vão para escolinhas de futebol, onde já são consideradas “mini-jogadores” e ficam engessadas naquele movimento técnico que seus professores acabam por

exigir em virtude de adotarem uma metodologia de treinamento de ensino e aprendizagem com métodos analíticos ou parciais. Já as crianças de classes populares, por sua vez, aprendem muito mais jogando na rua, na prática, criando suas próprias regras e convivendo com as mais variadas situações e terrenos, as quais são de extrema importância para seu desenvolvimento social. Este é o futebol do mundo da vida a que se aludiu no título do presente capítulo.

Nas palavras de João Batista Freire:

[...] futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. Jogar bola tem sido a maior diversão da infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum espaço para brincar. Pés descalços, bola, brincadeira são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor do que ninguém. (BATISTA FREIRE, 2006, p. 2)

Apesar de querer valorizar a brincadeira de futebol e esse jogar bola tão cheio de beleza e cultura de movimento, o mundo da vida não é brincadeira. A pedagogia da rua ensina muito às crianças a brincarem e jogarem futebol, porém, há elementos que não são tão bonitos assim. Segundo Batista Freire (2006), a pedagogia da rua não se trata de uma pedagogia dirigida a uma formação de consciências, pois ela pode por muitas vezes excluir os mais fracos dentro desses grupos infantis, sendo até cruel, e assim é suscetível a coisas boas e ruins. Todavia, essa pedagogia não deve deixar de ser considerada e valorizada pela escola em virtude de apresentar uma cultura de movimento mais variada. É aqui que entra o papel do professor para mediar o ensino do futebol e ressignificar sua própria pedagogia da escola, pois este não deve, jamais, anular o que a rua ensina às crianças e esquecer dos princípios e valores que ela possui, mas sim problematizar e possibilitar a criação de um espaço de brincadeira a elas.

2.4. Brincadeira: subversão e resistência

Para as crianças, bem como para nós adultos também, a brincadeira é uma forma de subversão, de imaginação, faz de conta, de interações sociais, de

resistência, entre outros elementos que fazem parte do desenvolvimento do ser humano. Assim, nada mais justo que fomentar esse brincar de futebol ou esse “jogar bola”. A brincadeira é fundamental para o desenvolvimento das crianças e, assim, dialogou-se com três autores que ilustram o que se objetiva alcançar neste capítulo de fundamentação.

O primeiro, Vygotsky (1991), indica que as crianças, ao brincarem, tornam-se criador e criatura, sujeito e objeto das relações sociais, imaginam, fantasiam e que, dessa maneira, podem realizar ações que vão muito além dos limites de sua idade e são maiores que seu comportamento diário, transcendendo assim sua realidade. Como complemento, pode-se aqui dialogar com Benjamin, que representa muito bem a questão da fantasia e subversão:

A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se ladrão ou guarda. [...] Pois quanto mais atraentes (no sentido corrente) forem os brinquedos, mais distantes estarão de seu valor como “instrumentos” de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação anuncia-se neles, tanto mais desviam-se da brincadeira viva. (BENJAMIN, 1984, p. 70)

Além disso, há a questão do corpo que resiste, como citado anteriormente. O professor Maurício Silva (2000), em sua tese de doutorado, apresenta dois tipos de corpos, sendo um deles o *corpo brincante*, que é representado pela resistência e rebeldia à ordem alienante estabelecida, por meio das vivências da cultura lúdica. Nesse sentido, o autor traz uma citação a respeito de onde esse corpo brincante está resistindo ao domínio e à opressão:

[...] a criança brinca em quaisquer circunstâncias, que ela sempre encontra um “jeitinho” para se divertir sozinha ou em grupo, no trabalho ou nas brechas do gerenciamento escolar. O Lúdico é um elemento presente na vida da criança, mas para que sua expressão máxima se manifeste – o jogo – é preciso que haja a suspensão da obrigação e do constrangimento, e, que sejam viabilizados espaços e tempo para o seu desenvolvimento. (CARRANO, 1992, p. 70)

É interessante notar como um corpo brincante pode resistir à ordem e alienação do mundo capitalista. Como pensar corpo e mente de maneira

fragmentada? Tal separação é impossível e inadmissível. Nós, seres humanos culturais, somos corpo e consciência, somos sentimentos e razão, e tudo funciona de maneira integrada, sistêmica. Nas palavras de Merleau-Ponty (1975): “eu sou meu corpo. Existo, logo penso.” O que Ponty pensou há mais ou menos quarenta anos atrás não deixa de ser uma resistência a essa ordem alienante de uma lógica mecanicista e totalmente pragmática a que estamos retrocedendo quando separamos corpo e mente.

Essa ideia de corpo brincante e de que somos corpo é fundamental para que a escola e as aulas de Educação Física Escolar sejam vistas como elementos essenciais para o desenvolvimento infantil. Quando nascemos, nosso primeiro contato com o mundo é através do nosso corpo, sem falas e sem a interferência da racionalidade, apenas por meio de gestos e movimentos. A brincadeira é parte central e imprescindível desse contato, pois, segundo o professor Figueredo (2009), é por meio do corpo que a criança, desde seus primeiros dias de vida fora da barriga da mãe, realiza brincadeiras essenciais para o seu desenvolvimento e crescimento. Sendo assim, podemos afirmar que o corpo é o primeiro brinquedo da criança e a brincadeira é a principal forma de ver mundo. Sendo assim, cito:

Através de uma brincadeira de criança, podemos compreender como ela vê e constrói o mundo – o que ela gostaria que ele fosse quais as suas preocupações e que problemas a estão assediando. Pela brincadeira, ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras. Nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo, se bem que os adultos que a observam possam pensar assim. Mesmo quando entra numa brincadeira, em parte para preencher momentos vazios, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos. (BETTELHEIM *apud* FIGUEIREDO, 2009, p.142)

Assim, é de extrema importância que valorizemos a brincadeira infantil dentro da escola, que não “matemos” essa cultura lúdica rica que a brincadeira possui e também não pensemos que brincadeira não tem conteúdo, sentidos e significados, apenas pelo fato de sermos adultos e não nos permitirmos brincar

mais. Afinal, brincar é direito de toda e qualquer criança, seja da camada popular ou não.

2.5. O jogo popular: uma alternativa ao desenvolvimento infantil

Dada a atual conjuntura de nossa sociedade contemporânea, podemos perceber a perda da essência de diversos elementos de nossa vida. Pessoas correndo para lá e para cá, muito trabalho, pouco para viver sem pressões externas e um acúmulo de capital muitas vezes desnecessário. Além disso, estamos inseridos em uma sociedade onde os “bens” materiais vem sendo mais valorizados do que “bens” socioafetivos. Entre todos esses elementos, o jogo popular e o brinquedo, por exemplo, também foram sendo modernizados e, conseqüentemente, desvalorizados ao longo do tempo.

O esporte do mundo moderno deriva de uma sucessão de modificações dos jogos populares. Quem de nós nunca relacionou o jogo de *handball* com a queimada ou um jogo de bola ao cesto com o basquete? Mas o que seriam, enfim, os jogos populares?

Segundo Avelar e Teixeira (2009), grande parte dos jogos populares é intrínseca à cultura de um povo, assim sendo transmitidos para gerações posteriores e exercendo influência direta no desenvolvimento de toda e qualquer criança. Além disso, há um elo entre determinados fatores que predispõem a realização dessas atividades, como o espaço geográfico, o tempo e a organização social, que de fato são responsáveis pela diversidade de formas de manifestação dos jogos. (AVELAR; TEIXEIRA, 2009).

Podemos nos perguntar onde e como surgem os jogos populares, pois não há uma data e um local determinados para o surgimento deles. Tikuzo Morshida Kishimoto, professora da Universidade de São Paulo (USP) e grande estudiosa da brincadeira e do jogo, afirma que:

Não se conhece a origem desses jogos. Seus criadores são anônimos. Sabe-se, apenas, que são provenientes de práticas abandonadas por adultos, de fragmentos de romances, poesias, mitos e rituais religiosos. A tradicionalidade e universalidade dos jogos assentam-se no fato de que povos distintos e antigos como os da Grécia e do Oriente brincaram de

amarelinha, empinar papagaios, jogar pedrinhas e até hoje as crianças o fazem quase da mesma forma. Tais jogos foram transmitidos de geração em geração através dos conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil. (KISHIMOTO, 1992, p. 25)

Continuando o diálogo com as autoras Avelar e Teixeira (2009) no artigo *Jogos populares: pesquisa sociocultural e importância lúdica para o desenvolvimento infantil*, estas conceituam a função dos jogos populares como um modo de propagação da cultura infantil e desenvolvimento de formas de convivência social, sempre buscando a melhora das habilidades do ser, procurando adquirir comportamentos e atitudes que facilitem essa convivência, por isso, segundo Castellani Filho (1992), o jogo se apresenta como elemento básico para mudanças das necessidades e das consciências.

2.6. Emancipação e “o mestre explicador”

Emancipação é um termo muito complexo, pois sua conotação pode se encaixar em diferentes contextos. Partiremos do significado mais básico para aqui expressar o que pretendemos com tal conceito.

Segundo o dicionário *online* Michaelis (2004), a palavra “*emancipar*” pode possuir dois sentidos, são eles:

- 1) *Dar a emancipação a, livrar(-se) do poder paternal ou de tutoria;*
- 2) *Libertar(-se), tornar(-se) livre.*

Todavia, os professores muitas vezes acabam por ensinar conteúdos que não fazem o menor sentido para as crianças e mesmo assim dizem querer emancipá-las. Afinal, os professores são mediadores do conhecimento e das mais variadas situações rotineiras da escola, mas principalmente são agentes de transformação social. Dessa forma, como professores, não podemos deixar de pensar qual a melhor maneira de procurar emancipar as crianças ou qual o caminho mais fácil de conseguir tal emancipação. Nesse sentido, o filósofo Jacques Rancière (2002), em seu livro *O mestre ignorante*, diz que o aluno deve ver tudo por ele mesmo e responder a uma tríplice questão: “o que vê? O que pensa disso? O que fazes com isso?”, e assim até o infinito. Pegando um gancho

no primeiro significado do dicionário utilizado – *livrar-se do poder de tutoria* – Rancière assevera que “as palavras que a criança aprende melhor, aquelas em cujo sentido ela penetra mais facilmente, de que se apropria melhor para seu próprio uso, são as que aprende sem mestre explicador.” (RANCIÈRE, 2002, p.19).

2.6.1. Emancipação libertadora

O segundo significado presente no dicionário – *libertar-se, tornar-se livre* – pode ser relacionado com Vygotsky, quando este fala das interações sociais, conforme mostra um trecho do artigo *Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo*:

(...) criar condições para que os alunos se tornem cidadãos que pensem e atuem por si mesmos. Acima de tudo, espera-se que eles sejam pessoas livres de manipulações e conduções externas e que consigam ter a capacidade de pensar e examinar criticamente as ideias que lhes são apresentadas e a realidade social que partilham. (MARTINS, 1997, p. 111)

O trabalho do educador Paulo Freire também tem muito a agregar à pesquisa com seus mais diversos estudos relacionados à emancipação, os quais são tão numerosos que se poderia fazer uma monografia apenas analisando a contribuição desse educador para a compreensão da formação humana. Freire (1981) utiliza um conceito que é denominado de “*ser mais*”, que é a vocação ontológica e histórica para a humanização por meio da qual o ser humano curiosamente busca o conhecimento de si mesmo e do mundo, em prol de sua liberdade e, assim, segundo Melo Junior e Nogueira (2011), sair de sua consciência ingênua e caminhar em direção a uma consciência crítica para tornarem-se sujeito da própria história.

2.6.2. Emancipação à luz de uma concepção Crítico-Emancipatória

A abordagem de ensino da Educação Física sobre reflexão da cultura corporal, concepção Crítico Superadora, desempenhou um papel importante na formação do autor da presente pesquisa. Contudo, a teoria da cultura de movimento, concepção Crítico-Emancipatória de Elenor Kunz, que teve seus momentos marcantes em 1991 e 1994, principalmente com o livro *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*, será fundamental para agregar conceitos e teorias para esta monografia. Afinal, esta é uma abordagem muito interessante e que nos traz diversas possibilidades para desenvolver o ensino crítico e promover a transformação da Educação Física escolar.

A concepção Crítico-Emancipatória de Kunz é pautada numa lógica comunicativa, em que o movimento é a principal forma de comunicação com o mundo para a formação e atuação autônoma e crítica dos sujeitos. Essa atuação autônoma e crítica pode ser entendida como um processo de emancipação. Entretanto, para que os sujeitos se tornem seres críticos, há de haver ensino crítico por parte dos professores. Assim, a tarefa da educação crítica é promover condições para que essas estruturas autoritárias – em que os alunos apenas escutam o que o professor transmite e que não problematizam o esporte, fazendo com que estes não tomem conhecimento de um novo mundo e nem o transformem a partir do diálogo e, por fim, não conheçam novas perspectivas da Educação Física – sejam suspensas e o ensino caminhe no sentido da busca pela emancipação (TAFFAREL; MORSHBACHER, 2013).

Como citado anteriormente, a teoria de Kunz nos traz a ideia de um “agir comunicativo” ou de uma “didática comunicativa”, as quais são mais um ponto importante para o processo de emancipação das crianças. Segundo Taffarel e Morshbacher (2013), a linguagem tem papel importante no agir comunicativo, pois funciona como uma forma de expressão de entendimentos do mundo social, para que todos possam participar em todas as instâncias de decisão, na formulação de interesses e preferências, e agir de acordo com as situações e condições do grupo em que estão inseridos e do trabalho visando conhecer, desenvolver e se apropriar da cultura.

Então, emancipação na concepção Crítico-Emancipatória, segundo Taffarel, é:

[...] o processo que media o uso da razão crítica e todo o seu agir social, cultural e esportivo, desenvolvidos pela educação. Ao induzir à autorreflexão, esta deverá possibilitar aos alunos um estado de maior liberdade e conhecimento de seus verdadeiros interesses, ou esclarecimento e emancipação, entendida como o processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e todo o seu agir social, cultural e esportivo que se desenvolve pela educação. A emancipação só é possível quando os agentes sociais, pelo esclarecimento, reconhecerem a origem e os determinantes da dominação e da alienação (TAFFAREL; MORSHBACHER, 2013, p. 4.).

Ana Lúcia Cardoso (2003), em sua tese *O futebol da escola: uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia Crítico-Emancipatória*, diz que a emancipação proposta por Kunz é extremamente importante para uma transformação social, pois nela há um ponto de vista fundamental para seu ensinamento por meio do trabalho, da interação e da linguagem, que não tem como foco ensinar a técnica e o rendimento no esporte, nem a formação de atletas. Está muito mais preocupada em trabalhar o aluno para tematizar discussões sociais, ajudando-o a ser um cidadão cooperativo e solidário. Pensando nessa transformação, interação e linguagem, é válido trazer as três competências propostas por Kunz, as quais auxiliam no processo de emancipação dos sujeitos.

Segundo Kunz (2001), a competência objetiva procura transmitir conhecimento ao aluno para que ele possa aprender estratégias visando agir de maneira eficiente e bem-sucedida na sociedade. A segunda competência é a social, a qual visa propiciar ao aluno um entendimento sobre os diferentes papéis exercidos na sociedade e no esporte, principalmente nas discriminações de ambos os sexos. A terceira competência é a comunicativa, a qual está relacionada ao diálogo, pois é por meio deste que ocorre a formação de cidadãos críticos e reflexivos para que, dessa forma, possam modificar a realidade existente.

Emancipar para Kunz é atingir uma condição de maioria, é uma fuga da condição de submissão, a capacidade e vontade de agir racionalmente:

Portanto, pretendo aqui, chamar de *Emancipação* este processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e com isto todo o seu agir social, cultural e esportivo, que se desenvolve pela educação (KUNZ, 1994, p. 31).

3. FUNDAMENTOS METOLÓGICOS

3.1. Procedimentos da pesquisa

A pesquisa consistiu de uma revisão ampla de literatura, principalmente do referencial teórico adotado. Acreditando que a interdisciplinaridade é muito importante no meio acadêmico e escolar, considerou-se válido e necessário ir a outras áreas buscar esses referenciais.

A pesquisa foi do tipo exploratória descritiva. Segundo Triviños (1987), a pesquisa é exploratória por visar aprofundar estudos em uma determinada realidade buscando maiores conhecimentos, e descritiva, pois o foco deste tipo de estudo reside na vontade de conhecer determinadas comunidades e seus respectivos traços característicos, problemas, escolas, professores, educação e valores. O tratamento dos dados se deu a partir de uma abordagem qualitativa na forma de análise de conteúdo, organizada em três etapas também baseadas em Triviños (1987), as quais foram:

- 1) *Pré-análise* – consiste na organização do material e elaboração de uma pergunta problema;
- 2) *Descrição Analítica* – o material de documentos é submetido a um estudo aprofundado, orientado pelos referenciais teóricos;
- 3) *Interpretação Referencial* – consiste na reflexão, na intuição, com embasamento nos materiais empíricos que estabelecem relações com a realidade educacional e social ampla, aprofundando as conexões das ideias para chegar, se possível, a propostas básicas de transformações nos limites das estruturas específicas e gerais.

O enfoque das categorias de análises foi predisposto a partir da fundamentação teórica, a emancipação e o trato pedagógico do futebol como

brincadeira popular, os quais tiveram a intenção de analisar experiências do ensino do futebol em três diferentes instituições de ensino da grande Florianópolis. Esta pesquisa, dados os procedimentos técnicos, caracterizou-se como estudo de campo, o qual pode ser apresentado por Gil (1998) como um estudo de indivíduos, grupos e comunidades a fim de compreender os componentes que constituem sua realidade.

Cabe ressaltar que a ideia não foi de comparação dos contextos sociais dessas três instituições distintas, e sim a compreensão de como se dá a realidade do futebol em cada uma delas.

3.2. Coleta de dados

A coleta de dados deu-se a partir de observação livre de aulas de futebol das diferentes realidades de ensino e essa metodologia foi elemento principal para análise dos dados encontrados durante as aulas, juntamente com um rico diário de campo repleto de percepções. Um bom professor deve estar com o olhar sempre apurado para os mais diversos fatos, portanto, segundo Madalena Freire:

Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo cegueira. Para romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica nesse aprendizado da construção do olhar sensível e pensante. Olhar que envolve ATENÇÃO e PRESENÇA. Atenção que segundo “Simone Weil” é a mais alta forma de generosidade. Atenção que envolve sintonia consigo mesmo, com o grupo. Concentração do olhar inclui escuta de silêncios e ruídos na comunicação. O ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar. Também não fomos educados para a escuta. Em geral não ouvimos o que o outro fala, mas sim o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido imaginamos o que o outro estaria falando. Não partimos de sua fala, mas de nossa fala interna. Reproduzimos desse modo o monólogo que nos ensinaram. [...] Esse aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Nesse sentido o olhar e a escuta envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa. (MADALENA FREIRE, 1996).

Com isso, para observar uma aula a fim de coletar os dados, o olhar teve de estar sempre muito atento aos acontecimentos e a tudo que cerca um dado contexto social. Sendo assim, devemos educá-lo para as coisas que acontecem

na sociedade e no mundo, pois é um enorme desafio e um aprendizado imenso para a vida.

3.2.1. Instrumentos de coletas e registros empíricos

Fizeram parte dos instrumentos de coleta, além da observação livre: diário de campo, câmera fotográfica e de vídeo de um celular com boa qualidade para captação das imagens. O diário de campo serviu como registro de tudo que foi observado para que não houvesse esquecimento de nenhum detalhe percebido durante as aulas e as imagens e filmagens ajudaram a fomentar as discussões e percepções encontradas no diário de campo.

A coleta aconteceu no fim do mês de outubro e início de novembro de 2016 nos respectivos espaços selecionados, a saber:

- I. Clube de treinamento da grande Florianópolis – aula com duração de 2 horas, 17 alunos de 11 a 13 anos, um professor. A aula aconteceu em um ginásio municipal poliesportivo;
- II. Escola Municipal de São José – aula com duração de 45 minutos, 17 crianças do 4º ano com mais ou menos 8 a 9 anos, um professor. A aula ocorreu na quadra poliesportiva da escola;
- III. Escola de futebol da rede particular de ensino de Florianópolis – aula com duração de 1h30, 18 crianças de 5 a 6 anos, três professores, sendo um principal e dois auxiliares. A aula aconteceu na quadra poliesportiva da escola.

3.3. Local, população e amostra

A pesquisa foi realizada em um Centro Educacional Municipal (CEM) de São José, Santa Catarina (SC), em um clube de futebol da grande Florianópolis e em uma escola de futebol da rede particular de ensino de Florianópolis. As populações foram as crianças dos grupos previamente determinados pelo pesquisador principal e pelos professores responsáveis dos respectivos grupos escolhidos. A seleção da amostra foi dirigida a professores os quais já possuíam

contato com o pesquisador principal e em cujos contextos acreditou-se haver alguns elementos importantes para pesquisa.

3.4. Tratamento dos Dados

O tratamento dos dados teve pontapé inicial⁴ com as observações nas instituições. Foi necessário observar atentamente tudo que acontecia nas aulas, toda a realidade social dos locais, das crianças, dos professores e, também, além de observar, escutar o que era conversado, questionado, discutido e refletido para uma melhor compreensão do que ali estava acontecendo. O “escutar” também é papel importantíssimo do pesquisador principal, pois é por meio do diálogo entre professor e crianças que ocorre a apresentação do mundo e a sua transformação. A observação livre, principal instrumento de coleta, migrou para um diário de campo com todas as percepções e fatos ocorridos durante as aulas observadas para posteriormente serem analisadas. Algumas cenas descritas no diário de campo foram filmadas e fotografadas para que nada passasse despercebido a fim de fazer uma análise minuciosa dos dias de coleta.

O tratamento dos dados se deu por meio de uma análise de conteúdo proposta por Triviños (1987) no livro *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*, com seus respectivos procedimentos citados anteriormente no capítulo 3.1 desta monografia referente à coleta de dados. A análise de conteúdo ocorreu a partir de duas categorias de análises pré-definidas pautadas já na elaboração da fundamentação teórica do trabalho, ou seja, a observação livre já foi direcionada a essas duas categorias, as quais foram: 1) como as crianças tornavam-se seres emancipados; 2) como se realizava o trato pedagógico do futebol entendendo-o como brincadeira popular.

Certamente, durante a observação, outras várias categorias de análise foram surgindo, porém, já havia um foco a ser observado. Essas categorias podem se tornar objetos de estudo para futuras pesquisas.

⁴ Expressão utilizada pelos espectadores e narradores do futebol que tem a conotação de dar início ao jogo, a uma partida desse esporte.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A fim de proporcionar uma melhor organização e compreensão dos dados encontrados durante as observações livres, as discussões serão organizadas em dois subtópicos referentes às categorias de análise previamente estabelecidas de acordo com o aporte teórico, o trato pedagógico do futebol no decorrer das aulas e o trato pedagógico do futebol e as possibilidades de emancipação. Vale ressaltar que muitas das informações presentes nas análises foram extraídas dos diários de campo, os quais estão apresentados nos apêndices desta monografia.

4.1. O trato pedagógico do futebol no decorrer das aulas

A primeira categoria de análise definida a partir da fundamentação teórica a ser discutida é como se deu o trato pedagógico do futebol, entendendo-o como brincadeira popular, durante as aulas observadas.

Na primeira instituição, um clube de futebol da grande Florianópolis, o qual a aula é ministrada por um professor licenciado em Educação Física, com dezessete alunos de 11 a 13 anos de classe popular e média (muitos moravam sozinhos no alojamento do clube) e era uma instituição que apenas cedia material esportivo aos garotos, o trato pedagógico voltou-se durante a maior parte do tempo de aula para o rendimento máximo obrigatório comparado. Sendo assim, havia muita cobrança do professor e dos atletas no sentido de que os movimentos fossem todos perfeitos para que não houvesse erros durante o jogo visando a um resultado positivo em um campeonato próximo ao dia da aula. Apesar de questionar esse tipo de rendimento, é necessário ressaltar a qualidade com que os garotos reproduziam esses movimentos técnicos, os quais eram executados com tamanha facilidade, perfeição e habilidade, que muitas vezes os alunos pareciam jogadores profissionais de longa data. Esse fato faz com que os garotos sejam considerados – e se tornem – pequenos atletas, ao mesmo tempo em que ainda sejam crianças.

O professor desse clube proporcionou momentos em que os garotos podiam se livrar um pouco da cobrança e pressão que o alto rendimento exige por

meio de jogos como “bobinho” e “altinha”⁵. Esses jogos populares tematizam elementos do futebol e, por meio deles, os garotos tiveram a chance de vivenciar brincadeiras de futebol jogadas no mundo da vida e puderam arriscar e criar dribles sem a cobrança exacerbada de um treinamento, ou seja, puderam brincar de forma espontânea e criativa. Esses dois jogos podem ser considerados um momento de divertimento dos garotos, uma fuga de um padrão mais conservador de treinamento preocupado apenas com a perfeição do movimento mecânico, gesto técnico e, como consequência, pode ser considerada uma maneira de resistir a um modelo ou classe alienante, como citado na fundamentação teórica na tese do professor Maurício Silva.

Outro ponto importante do trato pedagógico desse professor durante a aula foi a interação que as crianças tiveram entre si, haja vista que os alunos poderiam ter sido facilmente segregados, em virtude de estarem em faixas etárias diferentes. Entretanto, em nenhum momento isso aconteceu e foi muito válido, pois é nessas variadas interações que as crianças aprendem cada vez mais, ou seja, os mais novos aprendem com os mais velhos, desenvolvem-se assim cada vez mais a partir dessas interações, indo então, além dos limites de sua idade com essas relações sociais, como afirma Vygotsky na fundamentação teórica desta pesquisa.

O segundo trato pedagógico analisado foi referente à aula no Centro Educacional Municipal que conta com 267 alunos em sua totalidade. Um local humilde, repleto de problemas sociais (abusos sexuais, violência física contra crianças, assassinatos de familiares, etc), de uma população em sua grande maioria de origem rural, mas um lugar muito hospitaleiro, organizado e acolhedor. O ministrante da aula foi o professor Licenciado em Educação Física e no dia havia 17 crianças, a grande maioria moradora dos arredores da escola e da classe popular, do quarto ano do ensino fundamental (8 a 9 anos).

Considero que este foi o trato pedagógico mais rico que encontrei durante as observações, sem sombra de dúvidas, mesmo com uma aula de curta duração.

⁵ Jogos populares de futebol. Bobinho é um jogo onde há uma roda e acontece troca de passes com uma ou mais pessoas ao meio para roubar a bola e ir a roda. Altinha é uma brincadeira onde os praticantes não devem deixar a bola cair no chão, assim trocando passes apenas pelo alto.

A aula nessa escola começou antes mesmo de minha chegada, pois o professor havia enviado uma tarefa na semana anterior às crianças para criarem regras para o jogo de futebol do dia, ou seja, proporcionou uma transformação didático-pedagógica do esporte, no caso, do futebol. Antes de o jogo acontecer, houve um alongamento para início da aula, no qual diversos elementos de fantasia estavam presentes como, por exemplo, o alongamento do avião. Importante ressaltar que essa questão da fantasia motivava as crianças a realizarem determinados movimentos, os quais eram os movimentos lembrados mais facilmente e já dominados pelos alunos.

Feito esse momento de alongamento, o professor partiu para escolha e organização dos times que iriam jogar. A organização foi determinada por ele, mas de maneira bastante igualitária. Foram duas equipes que jogariam umas “com” as outras e não “contra”, como dito por ele, e a organização foi intercalada, escolhendo um menino e uma menina para cada time, o que equilibrou muito as equipes. Assim, não houve segregação por gênero e as interações entre meninos e meninas fez com que muitos fossem além de seus limites e que não ficasse nenhuma criança de fora da aula, permitindo que todos aprendessem e convivessem, com muito respeito, diga-se de passagem, com os pares⁶. Além disso, o professor favoreceu a participação ativa de duas crianças com deficiência no jogo. Uma das crianças era autista e interagiu com todas as outras crianças durante a aula e, a outra criança, tinha uma perna amputada devido a um erro médico e foi o goleiro durante o jogo inteiro, porém a escolha de ser goleiro foi dela no momento em que o professor perguntou quem queria ir ao gol naquele dia.

Nessa aula, o futebol estava sendo compreendido como uma brincadeira e um jogo popular, pois em diversos momentos aconteceram aprendizados a partir das interações e o jogo auxiliou de maneira muito positiva no desenvolvimento daquelas crianças, como apresentado por Vygotsky, Avelar e Teixeira no aporte teórico. Além disso, no decorrer da inserção das regras criadas pelos alunos, havia uma ideia de melhoria do convívio social como, por exemplo, na regra segundo a qual o gol só seria válido se acontecesse uma calorosa comemoração

⁶ Expressão utilizada para se referir a cidadãos, colegas, ao próximo, principalmente na área da Educação.

entre as crianças. Ali, meninos e meninas perderam as vergonhas, os preconceitos com o corpo, os medos e receios de se encostarem e então davam grandes abraços que influenciariam em uma futura convivência na escola e na sociedade. Foi uma aula repleta de beleza, alegrias e, em certos momentos, bastante emocionante.

O terceiro e último local para análise foi uma escola de futebol da rede particular de ensino de Florianópolis, onde havia três professores, um principal, ainda em formação no curso de Bacharelado em Educação Física, e dois auxiliares, um Bacharelado em Educação Física e outro em formação no curso de Licenciatura em Educação Física. Essa escola de futebol é um projeto extracurricular que é oferecido pela instituição privada de ensino e possui um custo elevado para aqueles que queiram participar, previamente a uma condição de existência de vagas nas turmas. No dia havia 18 crianças de 4 a 6 anos de classe média a classe média alta, as quais ficaram acompanhadas pelos pais diretamente das arquibancadas do ginásio.

A observação teve início ao fim da chamada, no momento exato em que as crianças se levantavam para fazer as atividades propostas no dia pelos professores. A organização do professor com elas e com os materiais que seriam utilizados chamou bastante atenção, pois tudo foi preparado previamente à realização da atividade. Os professores organizaram o espaço da quadra que seria utilizado, as crianças em duplas e deram uma bola para cada uma das duplas. Infelizmente, a quadra ficou com uma grande parte vazia e a atividade foi bastante estática, analítica, em que o enfoque foi todo no movimento técnico do fundamento do passe e domínio de bola. Observei que, pelo menos, a organização em dupla das crianças fez com que elas interagissem de alguma forma e que essa interação auxiliava na melhora do fundamento técnico.

Após essa atividade, as crianças foram organizadas em dois grandes grupos e em filas para, de um lado, trocar passes até chutar ao gol, e do outro, contornar cones, passar a bola, chutar ao gol e tornar-se goleiro. Acredito que, mais uma vez, o enfoque foi totalmente no gesto motor e na reprodução de um movimento técnico, princípios do futebol de alto rendimento movido por interesses

financeiros presentes no sistema capitalista. Além disso, as filas faziam com que as crianças muitas vezes ficassem desanimadas e desatentas da aula, participando apenas no momento que chegasse a vez delas de reproduzir os movimentos propostos. Essa atividade foi mais uma atividade analítica, ou seja, possuía apenas objetivo e sentido específico para o movimento mecanizado, ensinado fora de situações reais de jogo. Também não houve interações que proporcionassem alguma transcendência dos limites das habilidades das crianças.

O último momento da aula foi o jogo propriamente dito com suas regras tradicionais, mas com o auxílio dos professores evitando que a bola saísse pelas laterais para que as crianças pudessem jogar durante um tempo maior, até porque nessa fase da vida, 4 a 6 anos, estas devem aprender a jogar jogando e se experimentando. Afinal, quanto mais interações, mais as crianças tendem a se desenvolver social e cognitivamente, como Vygotsky apresenta em diversas obras, como em “A formação social da mente”. Vale mencionar que, antes da escolha dos times para o jogo, o professor fez uma dinâmica de imaginação de um grande trem para que as crianças tivessem a oportunidade de um intervalo breve. Essa dinâmica imaginativa atraiu muito as crianças e foi um momento bastante divertido, uma fuga daquele movimento técnico e automatizado. O momento da fantasia e da imaginação deveria ser utilizado mais frequentemente, e até mesmo em toda a aula, por parte do professor.

Para dar início ao jogo daquele dia, os professores organizaram as crianças em quatro equipes com coletes, para facilitar a assimilação dos companheiros, sendo que duas equipes ficavam jogando em quadra e duas esperavam ao lado de fora. Como havia muitas crianças para uma quadra relativamente pequena, o que de certa maneira poderia dificultar o decorrer do jogo, a metodologia adotada pelo professor foi correta. Dessa forma, todas as crianças jogaram o mesmo número de partidas e o mesmo tempo, ou seja, não houve exclusão de nenhuma delas por parte do professor. Durante o jogo, as crianças não foram cobradas pelos seus gestos técnicos e, apesar de caírem e chorarem em diversos momentos, estavam se divertindo e jogando de maneira solta, ou seja, estavam brincando. Além disso, interagiram muito mais que em todas as outras atividades

e, em diversas situações, aprenderam uns com os outros, se ajudaram e principalmente, se respeitaram. O gol foi um momento de muita festa, no qual aconteceram momentos de abraços entre todos os jogadores, o que estreitou relações sociais e proporcionou uma criação de laço de afetividade entre os meninos.

Deve-se reconhecer aqui que, para o professor principal dar atenção a todas as crianças (18, no dia da observação, embora a turma tenha 22 alunos) ao mesmo tempo é algo realmente muito complicado. Entretanto, apesar do caráter mais técnico voltado para um futuro rendimento máximo, o trato pedagógico do professor é de muito respeito com elas, pois em nenhum momento este levantou sua voz, procurou possibilitar a participação de todas a todo instante e falou sempre com o corpo abaixado para ficar na mesma altura das crianças.

4.2. O trato pedagógico do futebol e as possibilidades de emancipação

A segunda categoria de análise que foi previamente estabelecida, também com base na fundamentação teórica adotada, foi a de analisar as possibilidades de emancipação que as aulas de futebol podem proporcionar às crianças. Para que elas se tornem seres humanos emancipados, deve haver um bom trato pedagógico com ensino crítico, que pode consistir em diálogos, reflexões, problematizações, apresentações de mundo, liberdade, autonomia e movimento, por parte dos professores. Os dados aqui analisados também consistem nos respectivos diários de campo. Durante as observações livres, foi possível perceber que cada contexto tem uma forma de emancipação, as quais serão descritas no decorrer dos próximos parágrafos.

No caso da instituição de alto rendimento, o clube de futebol da grande Florianópolis, foi nítido que os diálogos entre o professor e os garotos não aconteceu a fim de problematizar o esporte, o contexto social e, muito menos, transformar didático-pedagogicamente o jogo de futebol ali presente. A partida foi jogada da maneira tradicional, com suas regras clássicas, a fim de obter um alto desempenho. As atividades que antecederam ao jogo, o qual foi chamado de

coletivo, eram para os alunos passarem por situações de jogo e criarem maneiras alternativas de sair de determinadas situações de uma partida. Em nenhum momento, o professor orientou o que fazer, apenas explicou a dinâmica da atividade. Foi impressionante que, no decorrer do coletivo, todas as situações que o professor simulou durante a atividade pré-jogo efetivamente aconteceram. Mais impressionante ainda que as movimentações, as trocas de bola, bem como a fuga de determinadas situações, aconteceram com a livre criação de jogadas por parte dos garotos sem interferência alguma do mestre explicador, ou seja, o professor. Esta pode ser considerada uma forma de emancipação que vem ao encontro das ideias de Jacques Rancière apresentadas no referencial teórico adotado por esta pesquisa. Os garotos livraram-se de um poder de tutoria, pensaram por si mesmos e aprenderam como fugir das mais variadas situações dentro do jogo, tudo isso sem um mestre explicador.

Não se pode, é claro, negar que o professor direcionou e pensou seu trato pedagógico para que isso acontecesse. Sendo assim, de acordo com o que foi observado na aula de um clube de futebol, a emancipação aconteceu para que os garotos se tornem jogadores inteligentes, ou seja, que pensem por si mesmos, sem um mestre explicador, para criação e fuga das mais adversas situações de jogo.

Já na escola, a emancipação se deu de forma totalmente diferente. Caso alguém assistisse àquele jogo de futebol pelo lado de fora da quadra e não soubesse os princípios ali propostos, com certeza diria que estava a maior bagunça. Entretanto, a auto-organização das crianças com o espaço, devido ao número elevado de jogadores em uma quadra pequena, foi muito bonita, pois houve muito respeito umas com as outras, elas tiveram autonomia para se posicionar em quadra da maneira que quisessem e, mesmo sem aviso do professor, evitaram chutes fortes, principalmente os meninos, para que ninguém se machucasse, ou seja, pensaram por si mesmas essa condição do jogo. Além disso, a criação de regras proposta por elas é uma transformação didático-pedagógica do esporte, que também não deixa de ser uma maneira de se

emancipar, pois problematizam, refletem e transformam a realidade social do futebol sobre aquele contexto em particular.

Nesse jogo de futebol do CEM, muitos atos de beleza ocorreram, os quais encantaram o pesquisador. A transformação que houve naquele futebol culturalmente jogado foi muito rica, porém o que mais chamou a atenção foi o diálogo. Ao fim da aula, o professor reuniu todas as crianças ao centro da quadra para uma reflexão referente à aula que acabara de acontecer. O diálogo entre eles foi extremamente interessante. A partir das regras criadas pelas crianças, o professor começou a fazer relações com a sociedade atual, sobre como nós devemos seguir condutas e como podemos sofrer punições se fugirmos dessas leis, além de como levar esses princípios para as aulas de Educação Física. Mais incrível ainda que, ao fim, os próprios alunos disseram que vão à escola para se tornarem cidadãos de bem, exatamente com essas palavras, e também refletiram que é na escola que aprendem a conviver em sociedade. Enfim, foi uma reflexão profunda feita pelas crianças, mediada pelo professor, que se constitui em um momento no qual elas libertaram-se a partir de uma razão crítica, vindo ao encontro do que propôs Kunz, e também puderam “ser mais”, em consonância com o conceito trazido por Paulo Freire, de maneira dialogicamente construída. Foi uma aula repleta de aprendizado para todos que participaram, bem como para o pesquisador principal.

Na escola de futebol da rede particular de ensino de Florianópolis, os elementos emancipatórios foram poucos, devido ao trato pedagógico dos professores ter sido mais voltado a um movimento automatizado e seu gesto técnico, o qual eles consideravam correto. Todavia, houve momentos em que alguns princípios de emancipação abordados na fundamentação teórica apareceram. O momento em que o professor fez com que as crianças imaginassem um grande trem foi um momento de fantasia, imaginação, o qual transformou a realidade daquele contexto durante um determinado tempo. Pelo que foi observado na aula daquele dia, o maior momento de emancipação ocorreu durante o jogo de futebol propriamente dito, o qual foi pautado nas regras tradicionais propostas no alto rendimento. Entretanto, o jogo foi o momento onde

as crianças puderam agir livremente sem a cobrança de um movimento técnico previamente definido. Ali elas se libertaram e agiram por si mesmas, porém, não houve reflexão do que foi feito e nem ensino crítico. Contudo, pode-se dizer que essa liberdade de agir sem pressões externas, mesmo que apenas dentro do jogo, já pode ser considerada uma das maneiras de emancipar-se.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Não se pode iniciar este último capítulo sem externar um sentimento presente na realização desta pesquisa: gratidão. Gratidão por ter analisado, refletido e ter produzido pensamento crítico de três contextos tão diferentes tendo as crianças como principais personagens da investigação, as quais também podem se tornar agentes de transformação social se lhes for proporcionado o ensino crítico dialogicamente construído.

De acordo com toda a fundamentação teórica, os dados observados e as reflexões feitas aqui, pode-se responder ao problema de pesquisa proposto inicialmente – como o trato pedagógico do futebol pode ser realizado de forma libertadora, entendendo-o como brincadeira popular, para a emancipação das crianças? – da seguinte forma: o trato pedagógico libertador e emancipatório ficou claro na aula do Centro Educacional Municipal. O futebol transformado por proposição das próprias crianças, a reflexão da relação desse esporte com a sociedade e das regras do jogo com as leis da sociedade em que vivemos são princípios que fazem com que as crianças se libertem a partir uma razão crítica, a fim de modificar seu agir social, por meio de uma didática comunicativa para serem apresentadas ao verdadeiro mundo ou a um novo mundo.

O alto rendimento, que é consequência da sociedade capitalista em que estamos inseridos, é muito competitivo e pouco reflete sobre os problemas e soluções que o esporte pode trazer. Claro que não é fácil problematizar o esporte com todas aquelas crianças, pois muitas sonham e querem ser jogadores de futebol com a famosa ilusão de terem visibilidade nacional e receberem bons

salários. Contudo, mesmo no caso dessa escola que enfatiza o alto rendimento, o trato pedagógico feito pelo professor também teve pontos positivos, pois possibilitou vislumbrar alguns elementos de emancipação, os quais foram citados na análise dos dados, como, por exemplo, o pensamento por si mesmo. Mesmo assim, deve-se problematizar que talvez nem todos cheguem a um objetivo comum e como a educação é importante naquela idade, haja vista que ainda são crianças fazendo todo aquele treinamento (tecnicamente avançado), o que muitas vezes influencia no desempenho escolar e na vontade de frequentar a escola. Certamente, é válido reforçar a importância dos estudos e propiciar a reflexão sobre as dificuldades que o futebol apresenta, para que as crianças não sejam apenas jogadores inteligentes, e sim cidadãos, homens, seres humanos inteligentes dotados de um pensamento crítico.

O futebol da escola da rede particular de ensino foi jogado visando principalmente a técnica em si, no qual as crianças tiveram pouca liberdade de experimentação e vivências que proporcionassem mais interações variadas entre as próprias crianças, algo que seria muito benéfico ao desenvolvimento social, cognitivo e de movimento delas. O trato pedagógico poderia ter sido voltado a mais brincadeiras ou até mesmo a mais tempo de jogo, haja vista que ali elas pensaram por si mesmas e tiveram as mais variadas interações, além de que o respeito foi mútuo. O jogo de futebol poderia ter sido mais problematizado e uma criação de regras alternativas faria com que as crianças utilizassem um pouco mais a razão crítica, mesmo que elas sejam pequenas ainda, pois assim poderiam ver outras possibilidades de como jogar o futebol, podendo transformá-lo e fugir de uma ordem alienante em que esse esporte está inserido.

Durante as três observações, foi possível questionar e refletir sobre diferentes categorias de análise para futuras pesquisas, a saber: 1) compreender como se dá o trato pedagógico do futebol jogado em escolas rurais; 2) comparar o futebol jogado no alto rendimento e na escola; 3) analisar e compreender a cultura futebolística das infâncias da classe popular e classe média; 4) identificar as dificuldades e limitações do ensino do futebol na escola; 5) compreender como é culturalmente jogado o futebol de rua e o futebol da várzea; entre outras mais

variadas possibilidades de pesquisa. Todavia, essas foram as temáticas que mais motivaram a realização de futuras pesquisas.

Por fim, no aspecto pessoal, cabe dizer que foi muito gratificante realizar este trabalho, pois foi possível entender que a identificação deste pesquisador é realmente com o chão da escola e, mesmo em tempos temerosos para a educação em geral, a vontade de seguir e lutar para um futuro melhor para as crianças da classe popular só aumenta. Foi muito bonito ver que, mesmo com todas as dificuldades e preconceitos que a Educação Física passa, ainda existem professores procurando fazer bons trabalhos e dedicando todo seu tempo a isso. Mais bonito ainda foi ver uma escola simples, de realidade carente e humilde, proporcionando pensamento crítico, criando a verdadeira escola sem mordaza⁷.

O livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa*, de Paulo Freire, nos remete a vários capítulos referentes ao que ensinar exige. Há um trecho em que fica nítido que não devemos perder a esperança e a alegria de ensinar, pois juntamente com as crianças podemos aprender, ensinar e refletir sobre o mundo, que certamente é algo que me motiva a continuar mesmo com todas as dificuldades que encontrarei pela frente. O referido trecho é:

A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntamente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. (FREIRE, 2011, p.70).

A educação é uma forma de intervenção no mundo, por isso, professores e crianças são agentes de transformação social. Segundo Freire (2011), um dos principais fatos que faz com que a educação exista é para que haja pensamento crítico em relação ao mundo e, por isso, devemos resistir a ideologias dominantes e não medir esforços para desmascará-las. Essa ideia freireana remete à filósofa alemã Hannah Arendt, que afirma o seguinte:

⁷ Escola sem mordaza – pensamento que vai contra a proposta de governo Michel Temer (2016), a escola com mordaza, onde as instituições de ensino devem ser apartidárias e assim, sem pensamento crítico.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDR, 2000, p.247)

É com esse trecho que todo educador, seja ele da Educação Física ou de qualquer outra área, deveria levar para todas as suas aulas e para a vida, que se encerra esta monografia, a qual foi de grande importância para minha formação acadêmica e para meu futuro de professor de Educação Física. A luta por dias e uma educação melhor certamente continua.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 19 ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1987.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. O Futebol nas Fábricas. **Revista Usp: Dossiê do Futebol**, São Paulo, v. 22, p.103-109, 1994.

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

AVELAR, Laila Fernanda de Souza; TEIXEIRA, Lúcia Helena. Jogos populares: pesquisa sociocultural e importância lúdica para o desenvolvimento infantil. **Revista Cadernos de Pesquisa da UFMA**, São Luís, v. 16, n. 3, p.76-80, ago./dez. 2009. Disponível em: <[http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/rev2009_3_11_76-80\(1\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/rev2009_3_11_76-80(1).pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2016.

BATISTA FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol**. 2ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do Ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CARDOSO, Ana Lucia. O Futebol da Escola: uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória. 2003. 124 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CARRANO, Paulo César. Se der tempo a gente brinca: o lúdico e o lazer da criança que trabalha e que estuda. In: **Revista Contexto e Educação**. Ijuí: Editora Unijuí, 1993.

FIGUEREDO, Márcio Xavier Bonorino. **A Corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2009. 6ª Ed. 89p.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I**. 2ª ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143p.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e a Sombra**. São Paulo: L&PM Editores, 2004. 240 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da educação física 2**. Ijuí: Editora Unijuí, 2001. 160 p.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1992.

LIMA, Marco Antunes de. As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil. **Klepsidra: Revista Virtual de História**, Espanha, v. 5, n. 14, p.1-14, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula**: reconhecer e desvendar o mundo. Série Idéias n. 28, São Paulo: FDE, 1997, p. 111-122.

MELO JÚNIOR, Ebenezer da Silva; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. A humanização do ser humano em Paulo Freire: a busca do "ser mais". **Revista Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p.1-14, dez. 2011.

MURAD, M. (1999). **Futebol e cinema no Brasil, 1908/1981**. In: Costa, M. R. (Org.). **Futebol: espetáculo do século**. (p. 26-38). São Paulo: Musa.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 144p.

RITCHER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação Física, educação do corpo e pequena infância: interfaces e contradições na rotina de uma creche. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p.53-70, jan./mar. 2010.

SILVA, Maurício Roberto. O assalto à infância no mundo amargo da cana - de - açúcar: Onde está o lazer/lúdico? O gato comeu? **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2000.

TAFFAREL, Celi Zulke; MORSCHBACHER, Márcia. Crítica à teoria crítico-emancipatória: um diálogo com E. Kunz a partir do conceito de emancipação humana. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, jan.2013, p. 45-64.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VIGOTSKY, Lev. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEISZFLOG, Walter. **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2004. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

ANEXOS

Anexo1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Campus Universitário – Trindade
Florianópolis - SC - Brasil



Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Educação Física

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **“O TRATO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DO FUTEBOL E SUAS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO EM TRÊS CONTEXTOS SOCIAIS DIFERENTES”**, sob a orientação do Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela, e, cuja finalidade é analisar experiências do ensino do futebol e identificar elementos emancipatórios nesta modalidade.

Caso o/a senhor/a aceite participar, garantimos que a sua identidade será mantida sob sigilo, que o seu depoimento será confidencial e apenas utilizado para tornar a pesquisa pública na forma de relatório de pesquisa, em artigos de revistas científicas, em apresentação em eventos acadêmico-científicos, ou publicação na forma de livro. Também fica assegurado o respeito e atendimento à sua vontade de a qualquer momento poder retirar o seu consentimento de participação na pesquisa.

Eu, _____, fui esclarecido/a dos objetivos e da importância da pesquisa **“O TRATO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DO FUTEBOL E SUAS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO EM TRÊS DIFERENTES CONTEXTOS SOCIAIS”** e concordo que minha entrevista seja utilizada, exclusivamente, para as finalidades acima colocadas.

Florianópolis, _____ de _____ de 2016

Assinatura do (a) Responsável da Instituição

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador
Principal

Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela
Pesquisador responsável – (48) 96196276
Email: pcapelasc@gmail.com

Licenciando Vitor da Silva Gonçalves
Pesquisador principal – (48) 88238021
Email: 1994.vitor@gmail.com

Anexo2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Campus Universitário – Trindade
Florianópolis - SC - Brasil



Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Educação Física

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temos o prazer de convidar a presente instituição de ensino a participar da pesquisaintitulada **“O TRATO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DO FUTEBOL E SUAS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO EM TRÊS CONTEXTOS SOCIAIS DIFERENTES”**, sob a orientação do Prof^o. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela,e, cuja finalidade é analisar experiências do ensino do futebol e identificar elementos emancipatórios nesta modalidade.

Caso a instituição aceite participar, garantimos que a sua identidade serámantida sob sigiloe apenas utilizada para tornar a pesquisa pública na forma de relatório de pesquisa, em artigos de revistas científicas, em apresentação em eventos acadêmico-científicos, ou publicação na forma de livro. Também fica assegurado o respeito e atendimento à sua vontade de a qualquer momento poder retirar o seu consentimento de participação na pesquisa.

Eu, _____ responsável pela instituição de ensino, fui esclarecido/a dos objetivos e da importância da pesquisa, **“O TRATO PEDAGÓGICO PARA O**

ENSINO DO FUTEBOL E SUAS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO EM TRÊS CONTEXTOS SOCIAIS DIFERENTES” e concordo que minha entrevista seja utilizada, exclusivamente, para as finalidades acima colocadas.

Florianópolis, _____ de _____ de 2016

Assinatura do (a) Responsável da Instituição

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador
Principal

Prof.Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela
Pesquisador responsável – (48) 96196276
Email: pcapelasc@gmail.com

Licenciando Vitor da Silva Gonçalves
Pesquisador principal – (48) 88238021
Email: 1994.vitor@gmail.com

APÊNDICES

Apêndice 1

DIÁRIO DE CAMPO – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO 1º DIA *Clube de Treinamento*

No dia 25 de outubro de 2016, me inseri em um clube de treinamento de futebol e futsal para observação. Naquele dia, havia um professor de Educação Física e dezessete alunos praticamente pré-adolescentes, pois tinham entre 11 e 13 anos, além de que todos eram meninos e, também, havia alguns pais na arquibancada no decorrer das atividades, que tinham duração de duas horas.

Logo na chegada, o espaço físico me chamou atenção. Não era o local “oficial” de treino daqueles meninos, era um local conquistado pelo professor e um espaço ao alternativo à prática do futebol, um ginásio de futebol de salão. Fiquei do lado de fora reparando como as crianças chegavam para aquele dia de

atividade, pois era um dia muito chuvoso e a maneira que elas se deslocavam ao local também seria interessante observar. Nesse momento de espera, pude observar que a grande maioria dos garotos se deslocou de carro até o local, alguns chegaram de carona com pais dos outros amigos e outros com o próprio professor, não vi nenhum deles chegar de ônibus ou algum outro meio de transporte, acredito que devido ao clima do dia.

Assim que entrei no ginásio, já havia muitos dos alunos que iriam treinar naquele dia e no momento estavam brincando com duas bolas levadas por dois alunos, sem a pressão que o provável treinamento lhes exigiria posteriormente, estavam brincando de dar “rolinhos”, “chapéus”, “lambretas”⁸ e “voleios”⁹, na maior das gargalhadas e interagindo todos entre si, cada um no seu espaço e com muito respeito. Em momento algum, o professor interferiu nisso, deu total liberdade para que os alunos fizessem o que queriam naquele momento, até por a aula em si não ter iniciado. Enquanto a brincadeira ocorria, os alunos iam chegando aos poucos, alguns juntos de seus pais, que ficaram na arquibancada assistindo todo o decorrer do treino daquele dia. Chamou muito a atenção que praticamente todos os garotos, em momentos distintos, vieram me cumprimentar mesmo que sem a apresentação prévia do professor. Foi claro perceber só nesta atitude quem eram os mais velhos ali e o jeito de “boleiro”¹⁰ particular que cada um possuía. Fiquei admirado com a recepção dos meninos comigo e a educação que eles tinham.

Dado o horário do início da aula, até um pouco antes na verdade, mas no momento em que todos que iriam treinar, como eles falavam, estavam presentes, o professor chamou todos os garotos para conversar antes do treino começar. Não utilizou apito ou sequer deu um grito para atrair atenção das crianças, apenas falou – “galera, todo mundo aqui” – em tom de voz um pouco mais alto que o comum. No mesmo momento, todas as crianças largaram as bolas que estavam utilizando, levaram até próximo do professor e sentaram-se em silêncio e atentas a todas as explicações que lhes eram passadas. Fiquei impressionado com o

⁸ Dribles famosos do futebol.

⁹ Jogada plástica que a bola vem pelo alto e o jogador arremata dando um salto, batendo na bola em direção ao gol com uma das pernas.

¹⁰ Expressão popular utilizada para aqueles que jogam muito futebol e que possuem ótimas habilidades.

respeito delas com o professor e do professor com elas, que mantinham uma relação bastante horizontal e de muito diálogo. Isso ocorreu devido ao trato pedagógico que o professor tem e teve com elas. Nesse momento, ele explicou sobre a competição que ocorreria, a importância dos treinos da semana, além de descontraí-las um pouco com elas antes de começarem as atividades.

Começando a aula, o professor propôs como um aquecimento a brincadeira de bobinho, na qual ficaram dois jogadores no meio e os outros em volta em círculo e aqueles do meio deveriam dominar a bola para sair da roda. Em construção dialógica, professor e alunos decidiram que haveria primeiramente uma bola no meio da roda e, após um tempo que determinaram, seria inserida mais uma para dificultar a atividade que, segundo o professor, já possui movimentos importantes para seu modelo de jogo. Além disso, definiram que cada jogador só poderia dar dois toques na bola e assim a brincadeira ocorreu de maneira muito divertida com uma construção autônoma das crianças sobre as regras do jogo. No jogo de bobinho, quando se aplica um “rolinho”, o jogador que leva esse drible, a bola embaixo no meio das pernas, fica mais uma rodada no meio da roda, e a todo o momento os garotos tentavam aplicar esse drible tão bonito no futebol e que durante o treinamento de alto rendimento pode ser inibido. Esse drible e essa brincadeira surgem na pedagogia da rua. Em alguns momentos, alguns alunos ficaram um pouco excluídos da brincadeira, a bola não passava por eles, pois dois ou três alunos ficavam tocando a bola entre si.

Após a brincadeira de bobinho, o professor reuniu os alunos novamente, mostrou um programa de treinos que ele tem feito e fez uma primeira atividade relacionada à formação da equipe e seu modelo de jogo desejado. As crianças ouviam atentamente as explicações e faziam diversos questionamentos ao professor para aos poucos compreenderem a atividade que seria trabalhada. Era uma atividade realmente difícil de entender, pois era uma situação de marcação pressão feita pelos jogadores da linha de frente, em que os dois de trás da outra equipe deveriam conseguir atravessar a bola para além do meio de quadra para poder atacar. Entretanto, os jogadores de ataque que estavam fazendo a marcação, quando a bola passasse o meio de quadra, não poderiam mais roubá-

la, apenas os de defesa. Havia dois jogadores de apoio no ataque para circular mais a bola, se necessário.

A atividade citada acima ocorreu durante praticamente metade de aula. Chamou atenção a liberdade para pensar por si mesmo que cada jogador tinha e como a equipe também tinha essa mesma liberdade. Não havia um padrão para sair da defesa e nem um padrão de movimentação de ataque, os alunos precisavam pensar e achar uma maneira de sair de uma situação e chegar em vantagem no numérica ao ataque. Compreenderam muito rápido a partir do diálogo que tiveram antes com o professor e logo estavam criando jogadas, pensadas por elas, para chegar ao ataque. Isso me surpreendeu muito. Em nenhum momento o professor as privou de criar algo diferente, deixou total liberdade e autonomia a elas dentro daquela situação do jogo.

‘Durante esse trabalho de marcação pressão e progressão ao ataque em vantagem numérica aconteceu uma situação de “coringa”, em que foi colocado um garoto com um colete diferente que ajudava as duas equipes. Chamou muita atenção como aquele garoto teve autonomia para pensar o jogo e como assimilava rapidamente as situações que lhe foram propostas durante a atividade. Vale ressaltar que o professor fez com que todos os alunos passassem por todas as posições e fez uma rotatividade bastante grande para que todos participassem o maior tempo possível e pouco esperassem. Fiquei bastante contente quando vi um garoto de 13 anos ensinando a outro de 12 anos uma situação que não havia compreendido. Isso sem qualquer interferência do professor, o garoto agiu de forma autônoma e o outro menino compreendeu a atividade, ou seja, a interação deles durante a atividade facilitou o aprendizado. Ainda durante esta primeira atividade, ocorreu uma situação de burlar uma regra por parte do goleiro para que a bola ultrapassasse o meio da quadra. Na mesma hora, o professor atento parou a jogada, explicou que aquilo não era correto para o jogo e para a vida e mandou voltar. Nota-se aí a importância de um professor preparado e de uma pedagogia da escola nessas horas.

Feita essa atividade, o professor partiu para um jogo coletivo com os garotos no qual eles deveriam procurar colocar em prática o trabalho anterior.

Observei que no intervalo que aconteceu entre a atividade anterior e o coletivo, muitos dos garotos ficaram brincando de trocar passes sem a bola cair no chão, a famosa “altinha”. Pareceu que, nos momentos que não havia cobrança, queriam sempre brincar e criar coisas novas que o alto rendimento não lhes permite. Esse intervalo foi para os garotos tomarem água e retornarem para uma conversa com o professor referente ao coletivo, reflexão da atividade anterior e condições da quadra do campeonato estadual que teriam pelo fim de semana.

Na hora em que a bola rolou para valer no coletivo, fiquei totalmente impressionado com o nível de cobrança e como aquela competitividade já estava implícita nos garotos. Eram jogadas ríspidas, disputas acirradas pela bola a todos os momentos, uma habilidade incrível por parte de todos os garotos que estavam jogando, uma assimilação muito rápida do trabalho anterior e o que mais me chamou atenção, pareciam adultos jogando, porém com tamanho menor. O jeito de jogar, de driblar, de pensar o jogo, de encarnar aquele treino como se fosse de um time profissional, tudo isso me chamou atenção de certa forma negativa, pois aquelas crianças – sim são crianças ainda – inseridas nesse meio do alto rendimento, poderiam estar perdendo uma fase muito importante da vida para se dedicarem com tanto afinco a algo que talvez num futuro próximo possa deixar de ser prioridade para elas. Durante o jogo, não houve nenhuma “malandragem” por parte dos garotos, acredito que devido ao trato pedagógico do professor anteriormente, porém, houve alguma hostilização de quem estava esperando sua oportunidade para jogar quando acontecia algum drible mais ousado, algo que é comum na pedagogia da rua. Apesar disso, os garotos jogaram com muita seriedade e sempre muito honestos e mesmo com disputas ríspidas pela bola, todos sempre se respeitaram muito. Durante o coletivo, o professor pouco interviu, deu total autonomia para seus jogadores criarem as jogadas a partir daquilo que foi trabalhado e até criar novas movimentações. Foi bastante importante isso, pois a todo o momento as crianças pensaram por si mesmas e no que fazer naquelas situações.

O penúltimo momento da aula foi uma auto-organização dos garotos para elaboração de jogadas ensaiadas de escanteio, lateral e falta. Eles simplesmente

pegaram a bola, colocaram nas devidas marcações e foram chamando os lances. Realizaram trocas entre si e todos participaram da atividade sem que o professor precisasse falar uma palavra para eles de como se fazia. Foi algo bastante gratificante ver toda essa organização e autonomia para realizar esta atividade.

Por fim, o professor reuniu os alunos para reflexão do coletivo e como seria a programação para o campeonato estadual que iriam disputar. Ao fim da aula, muitos alunos vieram me cumprimentar novamente para se despedirem, achei isso um ato de tamanha educação mais uma vez e ali pude perceber que dentro desse clube há garotos de classes populares que moram em alojamento e não são da cidade de Florianópolis, que também há garotos de classe média, os quais chegam em carros populares com seus pais e que também há uma minoria de uma classe média alta. Entretanto, todos eles estavam interagindo de maneira horizontal, sem considerar classes e diferenças sociais. Isso nem era assunto dos garotos entre si e em nenhum momento alguém citou algo relacionado isso, ou seja, todas as classes caminham para um lugar comum, o esporte e o jogo de futebol.

Apêndice 2

DIÁRIO DE CAMPO – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO 2º DIA *Centro de Ensino Municipal (CEM)*

O segundo local escolhido para visita e observação da aula de Educação Física foi um Centro Educacional Municipal (CEM) da cidade de São José em Santa Catarina, o qual conta com 267 alunos. Aconteceu no dia 1º de novembro de 2016, um dia bastante ensolarado e com clima bastante agradável, em uma turma de quarto ano no período matutino com 17 crianças no dia, que é mais ou menos a média daquela sala, pois são 18 crianças ao todo. A aula teve a duração de 45 minutos (tempo padrão das escolas desse município).

No trajeto para chegar à escola, o qual foi muito longo, muitas coisas foram me chamando atenção. A paisagem aos poucos foi mudando, muitas áreas verdes começaram a aparecer, uma população mais humilde começou a surgir, muitos descendentes de alemães, como era possível observar no rosto, obras para

criação de uma nova estrada para aquele local, muitos alimentos cultivados nas casas pelas quais passei, entre outros elementos. Chegando à frente da escola, pude observar que os arredores eram locais com características bastante rurais, uma realidade bem diferente da que estou acostumado a conviver, porém, isso foi algo que me instigou ainda mais a observar aquela aula de Educação Física e conhecer um pouco mais da escola, tanto que cheguei às 7h40 da manhã e fiquei até quase 10 horas.

Ao entrar na escola, percebi que algumas crianças me olharam com um ar de curiosidade querendo saber quem era aquela pessoa diferente ali no meio delas. Dirigi-me à sala dos professores e fui muito bem recebido por todos dali, todos me cumprimentaram e retribuí a hospitalidade. Além disso, no intervalo, ainda me convidaram a participar do café da manhã deles e lá tivemos uma conversa bastante boa. A diretora me recebeu muito bem e esteve totalmente aberta à observação da aula em todos os momentos. A escola possuía uma estrutura simples, mas bastante limpa e com bons materiais, era uma escola muito viva e ativa, uma “casa de pobre bem arrumadinha”. No entorno da instituição, havia algumas casas, uma área verde bastante agradável, um rio e um campo de futebol que é utilizado muitas vezes pelos professores de Educação Física. Entretanto naquele dia em específico há uma escolinha de futebol que o utiliza no período da manhã. Antes de as crianças dirigirem-se às respectivas salas, quando o sinal toca às 7h50 da manhã, a diretora reúne todas as crianças no pátio da escola para recebê-las e fazer uma oração, mesmo que a instituição não tenha uma religião específica. É um momento de acolhimento, fraternidade e respeito, até porque observei que algumas pessoas não fizeram a oração e a diretora não chamou atenção em algum momento.

Feito isso, segui com o professor de Educação Física em direção à quadra da escola, que está localizada ao lado da entrada. Era uma quadra pequena, mas com boas traves e redes, um piso relativamente agradável para a prática do futebol, pois não proporciona grandes riscos de alguma criança se machucar e com portões ao redor para que a bola não se perca durante o jogo. Antes de a aula iniciar, fui apresentado à turma, que me recebeu com um bom dia bastante

caloroso e com muito respeito. Percebi que estavam meio tímidas, mas logo foram se soltando durante a aula com a descontração do jogo. Quando dado o “pontapé inicial”¹¹ da aula, o professor dialogou com as crianças sobre a tarefa de casa da aula anterior referente à criação de regras para o jogo do futebol daquele dia. Foi muito importante essa parte prévia a aula, pois ali ocorreu uma transformação didático-pedagógica do futebol, na qual as crianças tiveram autonomia para criarem as regras que quisessem inserir no jogo. Foram escolhidas as seguintes regras:

- 1) O goleiro não pode utilizar a mão para pegar a bola;
- 2) Toda vez que a bola sair é pênalti para outra equipe;
- 3) Se a bola encostar na mão é gol da outra equipe;
- 4) Os zagueiros devem permanecer no espaço de defesa definido;
- 5) O gol só é válido quando a bola passar por todos da equipe;
- 6) O gol só é válido se houver comemoração por parte da equipe.

Claro que não foram todas estas regras colocadas de uma vez só, aos poucos foram sendo introduzidas.

A escolha das equipes foi feita pelo professor naquele dia para que todos pudessem jogar ao mesmo tempo sem ter ninguém esperando ao lado de fora, mesmo com o pouco espaço em quadra. Isso foi ótimo, pois todas estavam ali brincando e se sentindo parte do processo de criação daquele jogo, ou seja, estavam se emancipando a partir do momento que estavam modificando tal realidade. Jogaram meninos e meninas juntos nos times e todos participaram de maneira assídua na brincadeira. Vale ressaltar que as crianças jogaram sem qualquer caracterização de uniforme como cores pré-definidas ou coletes, ou seja, sem qualquer tipo de identificação das equipes, elas deveriam sempre observar e memorizar os companheiros de time.

Ao iniciar jogo havia apenas duas regras, a número 1 e a número 2. Essas duas regras foram bastante simples para compreensão das crianças e tornaram o jogo bastante igual, em que todos tinham as mesmas chances de fazer gol e

¹¹ Momento em que o árbitro dá início ao jogo de futebol e o jogador remete o primeiro toque a bola.

também em que cada um poderia bater um pênalti quando acontecesse. O professor deu oportunidade a todos nesse momento. Assim, quando um menino batia um pênalti para equipe, no próximo, era a vez de uma menina, o que não tornava em nenhum momento a aula excludente. Após isso, foram incluídas no jogo as regras 3 e 4. Essas duas regras deixaram o jogo um pouco mais cauteloso e organizado, pois dois jogadores da equipe tinham um espaço pré-definido na equipe e aquele espaço deveriam ocupar, diminuindo o número de pessoas atrás da bola. Dessa forma, as crianças também tomavam mais cuidado com bolas altas para não bater na mão e, por consequência, ou punição, receber um gol contra sua equipe.

Por fim, foram inseridas as duas últimas regras, 5 e 6. O jogo já estava sendo uma grande festa, porém, quando essas duas regras foram acrescentadas, as crianças começaram a se organizar de maneira com que a bola passasse por todos sem o professor falar uma palavra, se organizaram como equipe de maneira totalmente autônoma, ou seja, pensaram por si mesmas em um grande grupo, além de que as interações auxiliaram todos a melhorarem algumas capacidades do jogo. A comemoração tornou o jogo mais harmonioso, pois na hora de comemorar, as crianças procuravam para se abraçarem e conseguir o gol desejado, o qual é o momento de mais bonito e festejado do futebol.

Algumas regras criadas pelas crianças geraram confusão e dificuldade de compreensão no decorrer do jogo, mas rapidamente elas iam assimilando aquele conteúdo sem que o professor precisasse parar a aula. A participação de todos durante o jogo foi muito bonita, houve muito respeito entre eles e com o professor, os meninos evitavam dar chutes fortes para que não machucassem as meninas, as meninas tomavam muito cuidado para não fazer falta nos meninos e vice-versa, os goleiros evitavam de sair muito do gol para não acontecer algum lance de disputa de bola mais ríspido e, claro, durante o jogo todos ficaram querendo procurar a bola, porém, quando um a tinha, os outros procuravam respeitar, algo me deixou muito impressionado. Achei muito engraçado, mas muito interessante que, na hora em que uma menina da turma bateu um pênalti e fez um gol, ela falou – “que legal!”. Talvez em um jogo padronizado, repleto de cobranças que o

alto rendimento produz, ela não tivesse feito esse gol e nem tido a oportunidade de fazgole-lo, pois certamente um dos meninos “bom de bola” teria batido. A felicidade dela em viver aquele momento de comemoração e fantasia foi muito gratificante para ela e para o professor também, por ter proporcionado isso a ela.

Para quem estivesse vendo o jogo do lado de fora sem saber o que ali tinha sido feito, como a criação de regras e a organização dos times, entre outros, talvez fosse um jogo feio e totalmente desorganizado, mas para mim, após todo o trato pedagógico do professor, foi um jogo totalmente organizado, transformado, rico em interações sociais e vivências lúdicas sem cobrança de desempenho. Ali aconteceu o futebol da escola, o futebol do 4º do CEM Santa Ana, criado e transformado pelas próprias crianças, apenas mediada pelo professor, o futebol em sua forma mais livre e espontânea de jogar.

Ao fim do jogo, o professor propôs uma roda de conversa para reflexão da vivência a fim de discutir as regras, o esporte, as dificuldades e a sociedade. Primeiramente foram discutidas as regras do jogo criadas por elas e como foi dentro do jogo. Alguns relatos de fala:

- *“quando a bola bate na mão dá muita briga” – aluno dando a entender que esta regra era boa, pois acabava com qualquer dúvida de bola na mão;*
- *“quando a bola pega na mão o gol para minha equipe vale, para o outro não” – neste momento gerou uma discussão, pois o aluno estava querendo se beneficiar da situação, porém o mesmo aluno, após toda reflexão, disse a seguinte frase: “na verdade é justo o gol para as duas equipes quando a bola bate na mão”.*

Ainda durante a reflexão das regras criadas, o professor problematizou o papel do árbitro dentro do jogo de futebol e as crianças foram conceituando esse personagem e aprendendo que o esporte de futebol não se faz apenas com jogadores e técnicos. Nesse momento, me lembrei do livro *O futebol ao sol e a sombra*, de Eduardo Galeano, que traz os mais variados personagens do futebol. A outra reflexão foi relacionada à comemoração e ao momento do gol. As crianças adoraram comemorar o gol e criaram diversas maneiras de aproveitar esse

momento. No entanto, foi discutida a importância do gol em momentos distintos e como seria sua comemoração, como, por exemplo, o tamanho da vibração de um gol em uma final, em um jogo qualquer, em semifinal, entre outros.

A última reflexão relacionada ao jogo foi muito interessante, pois o professor fez uma ligação das regras e suas punições, como o gol quando a bola batia na mão, para chegar às regras da sociedade em que vivemos, um exercício de conscientização e humanização. As crianças se deram conta de que quando temos que seguir regras, se fugimos a elas, podemos ser punidos. OS alunos trouxeram exemplos práticos para conviver em sociedade e serem bons cidadãos de respeito. Refletiram sobre o que não devem fazer e trouxeram exemplos como bater em professor, dirigir bêbado, não matar, não roubar, entre outros. Citaram, por fim, que devem aprender a conviver bem na escola, nas aulas de Educação Física, e que a escola deve ensinar essas regras a elas para que possam ser pessoas boas. Foi incrível esse momento de apresentação do mundo a partir das regras do jogo e dialogicamente construído. Nesse momento, tive certeza de que deram mais um passo em direção à sua emancipação.

Fiquei muito contente com essa aula, pois pude ver ali que, mesmo com todas as dificuldades de espaço físico, remuneração de professor, carga horária elevada, entre outros, ainda existem professores que se empenham para dar uma boa aula na escola. Fiquei admirado com a turma e com o professor e até de certa forma emocionado. Foi um dia muito gratificante, que ficará marcado em minha vida.

Apêndice 3

DIÁRIO DE CAMPO – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO 3º DIA *Escola de Futebol Particular*

Para finalizar as observações do trabalho, resolvi escolher outro ambiente diferente para ter mais uma contraposição do que já havia observado. Escolhi observar uma aula de uma escola de futebol de uma escola particular de Florianópolis com crianças de 4 a 6 anos, que possuía três professores, um

principal do dia, pelo que pude observar, e dois auxiliares. Dois estão em formação ainda e um já é graduado.

A aula iniciou as 8h30 da manhã e foi até as 10 horas. Nesse dia, estavam presentes 18 crianças e algumas chegaram atrasadas, porém, todas foram levadas pelos seus pais, os quais permaneceram presentes no decorrer da aula. No momento em que cheguei, a chamada já estava sendo finalizada e então não fui apresentado e também não me apresentei às crianças para que não atrapalhasse a aula que já estava prestes a começar. Sendo assim, preferi ficar mais afastado delas e dos professores para não chamar atenção e ficar como um espectador qualquer. Os três professores me receberam muito bem, com toda simpatia e hospitalidade para que eu ficasse observando sem qualquer interferência deles.

O espaço físico da escola é muito bom, possui uma bela entrada, dois enormes pátios, cantina, sala de informática, um parque bastante amplo para a Educação Infantil, além de duas quadras poliesportivas totalmente cobertas. A aula ocorreu na quadra poliesportiva com piso de taco, que é um material bastante seguro e agradável para a prática do futebol, e, além disso, esse espaço conta com dois banheiros, um masculino e um feminino, e bebedouros. Possui também duas traves com redes bastante conservadas e duas tabelas de basquete, além de uma arquibancada onde pude, juntamente com os pais dos alunos, ficar sentado para observação da aula. Logo no início da aula, me chamou atenção o respeito das crianças com os professores, todas sempre atentas às explicações e em bastante silêncio, sem “empurra empurra” ou troca de bolas naquele momento de diálogo, algo bastante positivo.

A primeira atividade foi uma troca de passes em duplas em um curto espaço onde as crianças permaneceram quietas e apenas ouviam as correções feitas pelos professores. Foi uma atividade bastante analítica, fora de situação de jogo, e até um pouco estática, bastante preocupada com o gesto técnico do passe e do domínio de bola, o qual foi até reforçado pelo professor. Após isso, o grupo foi organizado em dois grupos menores e em filas para cada um realizar outra atividade em lados opostos da quadra. O professor deu a explicação a elas e

foram então realizar a atividade proposta, que envolvia contornar cones, receber a bola, passar para o colega, chutar a gol e tornar-se o goleiro. Era uma atividade de certa forma tranquila para compreensão e logo as crianças a realizaram com eficiência, sem haver exclusão quanto ir para o gol, todas passaram por lá sem reclamações e ainda houve ensinamentos entre eles de como realizar tal circuito, algo que foi bastante interessante. Do outro lado, era uma atividade de troca de passe em dupla e chute a gol, sendo que aquele que realizasse o chute virava o goleiro. Foi bastante estático esse lado da quadra pela dificuldade que as crianças ainda possuem de domínio de bola e passe em direção ao colega e, com isso, a atividade ficou muito tempo acontecendo, quase metade do tempo de aula. As crianças trocaram de grupo após um determinado tempo e essa troca foi feita com o professor fantasiando junto a elas um “trem”, o qual foi muito atrativo e divertido para elas, tornando-se até uma breve brincadeira durante a aula.

Após essas duas atividades, as crianças tiveram um intervalo para tomar água e descansar um pouco. Logo que se hidrataram já foram sentando em uma linha lateral da quadra onde seriam organizados os times para o jogo. Os times foram organizados pelos professores, cada um com uma respectiva cor para facilitar a identificação dos companheiros durante a atividade, e jogaram todos contra todos, sempre com dois times esperando ao lado de fora da quadra. No início, as crianças estavam sempre caindo e chorando por qualquer coisa, literalmente. Em certo momento, por exemplo, a bola passou ao lado de uma criança, que não conseguiu alcançá-la. Assim, sentou ao chão e começou a chorar. Isso me chamou atenção negativamente, porém, é um fato que está fora do alcance dos professores e tem relação com uma realidade social em que elas estão inseridas, a qual é de classe média para classe média alta. No decorrer da partida, as crianças foram sentindo mais o chão da quadra e se condicionando para não caírem mais. As crianças, durante o jogo, procuraram colocar em prática o que aprenderam e isso foi bastante interessante, pois, mesmo que de forma analítica, mostraram que aprenderam o que lhes foi ensinado.

O jogo entre as equipes foi bastante interessante, pois ali elas estavam brincando sem qualquer exigência de um movimento técnico, automatizado,

podiam correr para todos os lados, podiam tentar driblar, chutar para todos os lados, entre outras coisas, que os professores em algum momento as criticaram ou as privaram disso. Além disso, respeitavam muito os colegas, ficou nítido que estavam jogando com os amigos e não contra, possivelmente devido ao trato pedagógico que o professor vem dando às aulas. Durante o gol, comemoravam muito entre seu time, dando abraços, pulando e dando sorrisos. Da mesma forma, era também uma diversão para os pais ver toda aquela felicidade.

A auto-organização das crianças chamou atenção durante o jogo, além de que os movimentos livres e as interações entre elas favoreceram para que aprendessem um pouco mais do futebol e seus movimentos. Ao fim, os professores reuniram as crianças para falar sobre o dia de aula e desejar bom fim de semana, porém, não houve reflexão sobre o que havia acontecido e nem perguntas feitas por elas.